

Pragmatismo e Psicologia Científica *Pragmatism and Scientific Psychology*

Renato Rodrigues Kinouchi
Universidade de São Paulo
rekinouchi@yahoo.com.br

Resumo: Considerando a série de ensaios *Illustrations of the Logic of Science*, de C. S. Peirce, fica bem evidente que o pragmatismo possui uma notável relação com a filosofia da ciência. Com efeito, nesses seis ensaios Peirce discorre tanto acerca dos aspectos sociológicos da investigação científica como também sobre os aspectos estritamente lógicos da produção da ciência. Tal um cientismo pragmático, todavia, é as vezes um tanto relegado. Aparentemente isso acontece porque o mais antigo e popular divulgador do pragmatismo, William James, em larga medida reinterpretou aquelas seminais idéias de seu amigo Peirce. Em seu livro *Pragmatism*, James deu maior notoriedade a assuntos mais existenciais — por exemplo, a questão das crenças religiosas — deslocando o debate para um outro terreno. Entretanto, o que se pretende mostrar nesta apresentação é que James não foi, na verdade, um detrator da ciência. O problema é que para encontrar o pragmatismo científico dele, as melhores fontes bibliográficas são seus livros de psicologia — particularmente, *The Principles of Psychology* e o *Psychology: Briefer Course*. Essas obras incluem muitos temas tradicionais do pragmatismo, tais como: pluralismo metodológico, conseqüências práticas do conhecimento científico, anti-fundacionismo, etc. Ou seja, durante a primeira metade de sua carreira, quando se dedicava a fazer psicologia de maneira científica, James já era um pragmatista, embora de uma forma, por assim dizer, sub-reptícia.

Palavras-chave: Pragmatismo. Filosofia da Ciência. História da Psicologia. Charles S. Peirce. William James.

Abstract: Considering Peirce's series of essays, *Illustrations of the Logic of Science*, it is quite evident that pragmatism has a remarkable relation with the philosophy of science. Indeed, in those six essays Peirce expounds not only on the sociological aspects of scientific inquiry but also on the strictly logical aspects of the production of science. Such a pragmatic scientism, however, is sometimes downgraded. Apparently it happened because William James, the earliest and most popular disseminator of pragmatism reinterpreted, to a large extent, the seminal ideas of his friend Peirce. In his book *Pragmatism*, James gave greater prominence to more existential subjects — for example, the question of religious beliefs — shifting the debate to another plane. Our presentation, however, intends to show that James, in fact, was not a detractor of science. The trouble is that, in order to find his scientific pragmatism, the best sources are his books on psychology — particularly *The Principles of Psychology* and *Psychology: Briefer Course*. These works embrace many traditional themes of pragmatism, such as: methodological pluralism, practical consequences of the scientific knowledge, anti-foundationalism, etc. In other words, during the first-half of James's career, when he devoted himself to psychology in a scientific way, he already was a pragmatist, albeit in a - so to speak - surreptitious manner.

Key-words: Pragmatism. Philosophy of Science. History of Psychology. Charles S. Peirce. William James.

Antes de abordar o tema central da minha comunicação, vou apresentar brevemente qual foi o meu percurso até chegar ao pragmatismo. Inicialmente, comecei a cursar engenharia mecânica na USP, no campus de São Carlos, interior do Estado. Nesta época, tive algum treinamento básico em matemática e física, e passei a sentir uma certa atração por ciência básica. Paralelamente a isso, e por mera questão de curiosidade, prestei o curso de psicologia na UFSCar — Universidade Federal de São Carlos. Neste ínterim travei contato com a psicologia experimental e fiquei à vontade trabalhando nos laboratórios; tanto que acabei abandonando o curso de engenharia. Posteriormente, já em meu doutorado, passei a estudar a obra de William James no contexto das ciências cognitivas. É que há uma frente de pesquisa nessa área, chamada de Dinâmica de

Sistemas Adaptativos, que costuma apoiar-se nos achados de James.¹ Bom, ao estudar James, paulatinamente fui me aproximando de Peirce, uma coisa bastante natural.

Essas circunstâncias me levaram a entender o pragmatismo como uma doutrina muito ligada ao tipo de ciência que era feita na virada dos séculos XIX-XX. Há autores que não são *ipsis literis* pragmatistas, mas que apresentam um modo de pensar muito semelhante. Só para ilustrar citemos James Clerk Maxwell, no Reino Unido, e Henri Poincaré, na França. Um ponto em comum entre eles e os pragmatistas norte-americanos é que todos eram cientistas que posteriormente se debruçaram sobre questões filosóficas. A literatura especializada costuma assinalar uma tal ligação do pragmatismo clássico com questões da filosofia da ciência. Não obstante, em um público mais amplo, parece que o termo pragmatismo costuma ser entendido muito mais em seu sentido vernacular, de modo que se associa tal doutrina ao modo ‘médio’ de pensar norte-americano. Numa descrição vulgar, o pragmatismo da política externa norte-americana consiste em trabalhar de acordo com as circunstâncias: por exemplo, armar Sadam Hussein contra o Irã, e depois destituí-lo quando o ditador se tornou uma ameaça estratégica. Certamente isso está longe daquilo que os filósofos como Peirce e James imaginavam.

Resolvi então me dedicar a apresentar, para além do círculo pragmatista, a idéia de que o pragmatismo filosófico origina-se em uma determinada “atitude experimental” diante da realidade, que é muito própria dos cientistas, ainda que eles não se apercebam disso. Dadas as circunstâncias, achei que o mais proveitoso seria discutir o pragmatismo estando eu inserido na comunidade dos filósofos da ciência. Foi então que entrei em contato com o Prof. Pablo Mariconda, da USP, coordenador do Projeto Temático Estudos em Filosofia e História da Ciência. O Prof. Mariconda compreendeu que eu deseja trabalhar na área de Filosofia da Ciência, tendo como assunto o Pragmatismo. Desde Julho de 2004 tenho sido pesquisador em nível de Pós-Doutorado, tendo como tema de trabalho “O Pragmatismo e a Filosofia da Ciência”.

Postas essas considerações iniciais, passemos ao tema propriamente dito. Pois bem, a tal vinculação do pragmatismo com a ciência foi recentemente bem evidenciada no novo livro da Profa. Lucia Santaella (2004), *O Método Anti-cartesiano de C. S. Peirce*. Quando o li, fiquei com a forte impressão de que esse livro contém muito daquilo que tenho interesse em discutir com a comunidade de filosofia da ciência. Ele mostra que as questões do método científico ocuparam um papel central no pensamento peirciano, posto que Peirce não foi um cientista amador que fez filosofia; mas sim foi um cientista profissional que trouxe para a filosofia todo seu prévio treinamento em ciência experimental. Santaella (2004, p. 18) assinala a necessidade de se reconhecer esse imbricamento do pragmatismo com o método científico: “Dessa necessidade [a autora] já estava alerta por saber que o estudo dos métodos da ciência havia sido a única e grande paixão de Peirce, paixão que ele perseguiu pela vida afora.”

Com efeito, a máxima pragmática aparece pela primeira vez numa série de ensaios tipicamente de filosofia da ciência — “Illustrations of Logic of Science” (1992). E esse método da ‘consideração dos efeitos sensíveis’ foi aplicado por Peirce para analisar conceitos científicos, tais como o de força como sendo uma grandeza vetorial. Outro exemplo, é o conceito de probabilidade, que tem profundas conseqüências para a matemática, para a física, e para todos os estudos de natureza estatística. Ora, um filósofo da ciência sempre acaba tendo que discutir o que significa “probabilidade”,

¹ Conforme tese de doutoramento “Consciência não-linear: de William James aos Sistemas Dinâmicos”, realizada junto ao programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia e metodologia da Ciência – UFSCar.

evidenciando, com efeito, a pertinência de Peirce neste campo. Pode-se até contra-argumentar que o pragmatismo não se exaure em questões de ciência, de modo que se expande para outros domínios do conhecimento. Certamente não nego que seja assim; todavia também não há como negar que a semente do pragmatismo, plantada por Peirce, “brotou” no campo da filosofia da ciência.

Entretanto, se levarmos em conta as contribuições de James, aparece uma questão que dificulta a tese de que o pragmatismo pertence *prima facie* ao campo da filosofia da ciência. É a seguinte: nos escritos sobre pragmatismo de James — principalmente em *Pragmatism & The meaning of Truth* (1998) e *Philosophical Conceptions and Practical Results* (1992b) — encontraremos poucas discussões sobre ciência. Na verdade, o pragmatismo de James poderia ser considerado como sendo existencialista, preocupado com experiências que são, em certa medida, negligenciadas pela ciência, tais como experiências religiosas, por exemplo. Isso parece ter acontecido, entre outros motivos, porque antes de se dedicar ao pragmatismo, James estava muito envolvido com questões religiosas — basta considerar o conteúdo de seus livros *The Will to Believe* (1992a) e *Varieties of Religious Experience* (1985). Aparentemente, pelo menos no que tange a James, a tese de que o pragmatismo relaciona-se, antes de tudo, com questões da filosofia da ciência, como temos sugerido, aparentemente não recebe suporte.

Digo aparentemente, porque há sim suporte para uma tal interpretação quando analisamos os escritos de natureza psicológica de James. Sendo breve, é em sua psicologia que ele pratica o pragmatismo em questões de ciência; de modo que se não soubermos disso, e ficarmos somente nos seus livros posteriores, ficamos com a falsa impressão de que James era, na verdade, um detrator do modo científico de pensar. Doravante meu intuito é mostrar que, se conhecermos a obra jamesiana em toda a sua extensão, essa falsa impressão se desfaz.

Afinal de contas, onde está o pragmatismo científico de James. Bom, podemos vê-lo claramente no capítulo “Métodos e Armadilhas da Psicologia,” do *The Principles of Psychology* (1983a). O exemplo mais patente é o tratamento que James dá ao uso da introspecção na investigação em psicologia. Na época havia um vigoroso debate sobre a pertinência das observações via introspecção. De um lado havia autores (pode-se citar Brentano) que julgavam que os resultados da introspecção eram praticamente infalíveis, pois o simples fato de um estado mental apresentar-se à consciência garantiria inequivocamente sua pertinência como dado de análise. Por essa via, simplesmente não haveria como duvidar da introspecção. Por outro lado, outros autores (como Comte) achavam que a introspecção era inerentemente equivocada, pois a observação ficava contaminada pelas emoções e sentimentos. Por exemplo, a introspecção de um estado de ansiedade inevitavelmente estaria distorcida pela ansiedade ela mesma.

As duas posições acima descritas são versões extremas de um debate metodológico. Ou seja, havia uma polarização entre tais concepções acerca da validade da introspecção. Aceitando-se uma das duas alternativas, conseqüentemente, a outra deveria ser abandonada. James por sua vez procura sustentar alguma margem de validade para o método introspectivo, mas sem também conceder-lhe o caráter de certeza absoluta e irrefutável. Para James, o sectarismo deveria ser substituído por uma visão crítica acerca das falhas inerentes a todos os métodos. James (1983a) considera que a introspecção vale a pena, mas não é infalível:

Não precisamos antecipar nossos futuros detalhes próprios, mas apenas estabelecer nossa conclusão geral de que introspecção é difícil e falível; e que a dificuldade é simplesmente aquela que acontece a qualquer tipo de observação.[...] A única salvaguarda está no consenso final de nosso

adicional conhecimento sobre a questão, com perspectivas posteriores corrigindo às anteriores, até que ao cabo a harmonia de um sistema consistente seja alcançada (p.191).

Claramente James adota uma posição pragmática no tocante ao uso da introspecção. Ela não é um método fundamentalmente errado, nem fundamentalmente correto. Como qualquer outro método de pesquisa, a introspecção é falível e pode vir a gerar equívocos. A questão desloca-se da discussão entre “*é ou não é ciência?*” para outra da forma “*como fazer disso ciência?*” E note-se que para tanto se faz necessária uma constante auto-correção dos achados, o que tende a estabelecer um “consenso final”. Isso bem ecoa a noção de que há uma paulatina aproximação do conhecimento em direção ao consenso. Não interessa aqui aprofundar as questões acerca da introspecção propriamente dita,² mas deve ter ficado claro que James, sub-repticiamente, já veicula uma abordagem pragmatista, anti-fundacionalista e falibilista, a qual não “bloqueia o caminho da investigação.” É bem verdade que o tamanho do *The Principles of Psychology* (aproximadamente 1300 páginas) pode desencorajar um exame minucioso da questão em toda sua extensão. Para contornar isso, sugiro um pequeno ensaio de James (1983b), intitulado “A Plea for Psychology as a ‘Natural Science’” onde sua abordagem pragmatista à psicologia encontra-se bem resumida.

Posto que o pragmatismo de Peirce tem laços estreitos com a filosofia da ciência, e posto que o pragmatismo de James também contempla questões desse gênero em sua obra psicológica, resta agora distinguir o porque de Peirce e James terem visões quase que diametralmente opostas em suas reflexões da maturidade. Para tanto, terei que fazer um pequeno *detour*, e apresentar brevemente algumas reflexões sobre aquilo que se denomina de análise dos valores em ciência. Fazendo um uso um tanto livre do trabalho do filósofo contemporâneo Hugh Lacey (1998), tentarei mostrar pelo menos uma das razões de James e Peirce terem sido pensadores, por assim dizer, tão próximos mas tão distantes.

Falar do papel central da ciência no mundo contemporâneo é praticamente chover no molhado. Desde o cientista mais ingênuo, até o “crítico pós-moderno” mais radical, todos reconhecem a centralidade que o pensamento científico desempenha nas práticas políticas e socioeconômicas. A divergência não se dá sobre a importância da ciência, mas sim sobre os valores que informam essa ciência. Há quem diga que a ciência é pura ideologia, de modo que ela se encontra inteiramente condicionada por circunstâncias políticas, econômicas e sociais. Por outro lado, há quem defenda que a verdadeira ciência não deveria se “curvar” a esses fatores externos, pois deve sempre almejar um conhecimento imparcial, neutro e autônomo. O crítico pós-modernista poderia então dizer que essa estória de imparcialidade, neutralidade e autonomia é, em si mesma, uma ideologia. A tréplica seria que o debate ideológico foi levantado pelo próprio pós-modernista, sem realmente travar contato direto com o que é “fazer ciência.” Nestes termos o debate pode se estender indefinidamente, de modo que nunca se resolve, apenas acirram-se as disputas.

Ora, precisamos de uma saída mais construtiva. Uma alternativa, apresentada por Lacey (1998), é reconhecer duas coisas, uma de cada lado: 1) reconhecer que a

² Durante a apresentação oral deste ensaio, ocorrida no dia 08/11/2004, no 7º. Encontro Internacional de Pragmatismo, a professora Edith Frankenthal notou que Peirce se opunha à idéia de basear a ciência em achados da introspecção — conforme seus artigos da chamada série cognitiva. Isso significa que há, nesse quesito, mais um confronto entre James e Peirce. Com efeito, para Peirce o pensamento é de natureza inferencial, de modo que, em larga medida, seu pragmatismo repercute uma perspectiva logicista; já James tinha outra concepção, baseada mesmo na introspecção, com todos seus atributos subjetivos, o que engendra um pragmatismo de tipo mais psicologista.

ciência está impregnada de valores (morais, sociais, políticos, etc.), mas, ao mesmo tempo, 2) reconhecer que existe uma determinada classe de valores, chamados de valores cognitivos (ou epistêmicos), que realmente fazem da prática científica uma coisa *sui generis*. Essa alternativa leva a sério as críticas pós-modernistas, conquanto retém um núcleo “duro” no interior da ciência. Não se trata de agradar a gregos e a troianos, mas sim colocar a análise dos valores como ferramenta para se pensar as práticas científicas nas suas mais variadas dimensões. Com efeito, essa distinção entre *valores cognitivos* e demais *valores (sociais, morais, políticos, éticos)* me ajudou a ver um pouco melhor o que realmente acaba separando Peirce de James, apesar de ambos poderem ser considerados como genuínos pragmatistas.

Adiantando as conclusões: quando se debruçam sobre o “fazer ciência” há entre eles uma diferença na ênfase dada aos valores cognitivos (mais presentes em Peirce) e aos valores ético-morais (mais presentes em James). Note-se que é uma diferença de ênfase, de modo que não estou afirmando que cada um deles não tenha contemplado tanto os valores cognitivos como os ético-morais. Notemos, aliás, que esta distinção entre tipos de valores nos ajuda a entender, por exemplo, porque a ‘Vontade de Crer’ de James tem sua contraparte na ‘Vontade de Aprender’ de Peirce. O que há é uma diferença na ênfase sobre cada uma das duas categorias de valor.

Peirce almejava que o pragmatismo esclarecesse os “conceitos intelectuais,” tornando-os ainda mais claros do que exigia Descartes, sendo a máxima pragmática uma maneira de melhor conhecê-los com base em seus efeitos sensíveis; e nisso tudo fica implícito uma forte valoração dos aspectos cognitivos da investigação. Na verdade, fica tão enfatizado o valor cognitivo do “fazer ciência,” que os aspectos sociais acabam se baseando em uma espécie de “comunhão cognitiva” entre os homens. Nas mãos de James as coisas tomaram uma outra forma, pois a ênfase se dá nos valores ético-morais que depreendem dos conceitos. James se preocupa menos com os valores cognitivos da pesquisa em psicologia. Na verdade, James achava que, muitas vezes, os infundáveis debates dos pesquisadores sobre os valores cognitivos acabavam gerando uma espécie de entrave à própria produção da ciência. Isso acontecia muito claramente na psicologia, uma ciência cuja obtenção de dados empíricos tem sido historicamente problemática (só de uns anos para cá é que a caixa-preta cerebral começou a ficar mais translúcida; refiro-me aos experimentos de *brain imaging*), e onde muitas vezes se passa mais tempo discutindo teorias do que fatos. A seguir transcrevo parte do parágrafo final do ensaio “A Plea for Psychology as a ‘Natural Science’” de James (1983b), onde fica bem explícito sua ênfase nos valores ético-morais que, na sua visão, deviam ser melhor considerados durante o estabelecimento de uma psicologia científica:

Se na psicologia surgisse a dura escolha entre ‘teorias’ e ‘fatos’, entre uma ciência da mente meramente racional e uma meramente prática, não vejo como alguém poderia hesitar em sua decisão. O tipo de psicologia que pudesse curar um caso de melancolia, ou afastar uma insana desilusão crônica, deveria certamente preponderar sobre o mais seráfico *insight* da natureza humana. E esse é o tipo de psicologia que os homens pouco ou nada afeitos à suprema racionalidade, a saber, biólogos, psiquiatras e pesquisadores psíquicos, estão certamente tendendo a ocasionar, quer lhes auxiliemos ou não (p. 227).

Ora, nota-se claramente um ponto de vista no qual “o mais seráfico dos insights da natureza humana” tem um papel bem secundário. Essa psicologia “prática” se justifica por seus efeitos sensíveis ético-morais, pouco tendo a ver com os valores cognitivos (epistêmicos) internos da pesquisa em psicologia científica. Esse tipo de

abordagem, para bem ou para mal, acabou prevalecendo no decurso da história. Hoje em dia, os pesquisadores continuam construindo seus sistemas teóricos, mas, no final das contas, o que acaba prevalecendo é uma ciência psicológica de resultados. Por exemplo, não há nada de aparentemente mais antagônico do que o behaviorismo e a psicofarmacologia; entretanto, a despeito de engendrarem diferentes *insights* sobre a natureza humana, na prática ambas abordagens funcionam e, muito curiosamente, funcionam ainda melhor quando são associadas. Se uma pessoa tiver, por exemplo, um transtorno obsessivo-compulsivo, o tratamento recomendado é medicação associada com terapia comportamental. Ou seja, os fatos têm prevalecido sobre as teorias. Evidentemente não podemos negligenciar os valores cognitivos que devem informar as teorias psicológicas (tal como adequação empírica, consistência, simplicidade, etc.), mas também não podemos negligenciar, particularmente no campo da psicopatologia, os valores ético-morais que circunscrevem o conhecimento científico, tal como a necessidade de minorar os transtornos que as pessoas de fato padecem.

Para finalizar, gostaria de resumir as idéias aqui expostas. Primeiramente, reiteremos que a gênese do pragmatismo está intimamente ligada a temas concernentes ao campo da filosofia da ciência — a série *Illustrations of Logic of Science* mostra bem isso. Esse é um ponto que deve ser intensamente debatido com os filósofos da ciência, pois o pragmatismo é muito mais do que uma escola de pensamento; é, na verdade, a expressão de um tipo de atitude experimental que qualquer pesquisador pode nutrir.

Em segundo lugar, o pragmatismo tardio de James certamente ressoa um certo tipo de existencialismo, voltado mais para questões tais como as experiências místicas, religiosas, existenciais. Mas isso não significa que James nunca tenha praticado seu pragmatismo no campo da ciência; só que para encontrar tais reflexões devemos ir a seus trabalhos em psicologia.

Não obstante, certamente há uma grande diferença entre o pragmatismo de Peirce e o de James. Inúmeras considerações podem ser levantadas para explicar essa diferença. A maneira pela qual tenho abordado o problema é analisar os distintos tipos valores mais enfatizados em suas respectivas obras. Ambos são considerados pragmatistas pois estão voltados para os efeitos sensíveis da experiência, são anti-fundacionistas, pautam-se no futuro da investigação mais do que nas suas condições apriorísticas. Entretanto, o pragmatismo de Peirce se coloca mais fortemente sobre valores de natureza cognitiva (epistêmica), de modo que o que temos em mãos é um método para clarificar os “conceitos intelectuais”, elucidando os sentidos deles. Não é atoa que pesquisadores mais afeitos à lógica (Susan Haack, por exemplo) têm Peirce em alta conta. Já o pragmatismo de James tende a enfatizar valores ético-morais que circunscrevem a produção de conhecimento científico. Esse tipo de pragmatismo pode até ser visto como meio impuro, ou como sendo aquilo que sobrou do raptó do pragmatismo de Peirce. Todavia, para bem ou para mal, é o tipo de perspectiva filosófica que disseminadamente informa a atual produção no campo da psicologia. Isso acontece não porque James tenha sido assim tão influente no século XX, pois houve psicólogos tanto ou mais influentes que ele (Freud, por exemplo). Mas é que na psicologia, e principalmente na psicopatologia, o que a maioria das pessoas procuram são regras de ação que funcionem e que reflitam certos valores ético-morais, a despeito dos *insights* seráficos que as teorias, e os valores cognitivos delas, possam proporcionar.

Referências bibliográficas:

JAMES, W. *The Principles of Psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983a. (Trabalho original publicado em 1890)

_____ A Plea for Psychology as a 'Natural Science'. Em F. H. Burkhardt (ed.), *The Works of William James: Essays in Psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983 b, pp. 270 – 277. (Trabalho original publicado em 1892)

_____ Psychology: Briefer Course. Em F. H. Burkhardt (ed.), *The Works of William James*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984. (Trabalho original publicado em 1892)

_____ Varieties of Religious Experience. Em F. H. Burkhardt (ed.), *The Works of William James*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985. (Trabalho original publicado em 1902)

_____ The Will to Believe. Em G. E. Myers (org.), *William James Writings 1878 – 1899*. New York: Literary Classics of the United States, Inc, pp. 445- 475, 1992a. (Trabalho original publicado em 1896)

_____ Philosophical Conceptions and Practical Results. Em G. E. Myers (org.), *William James Writings 1878 – 1899*. New York: Literary Classics of the United States, Inc, pp. 1077 - 1097, 1992b. (Trabalho original publicado em 1898)

_____ *Pragmatism & The meaning of Truth*. 9ª. Edição. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998. (Trabalhos originais publicados em 1904 e 1907, respectivamente)

LACEY, H. *Valores e Atividade Científica*. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

PEIRCE, C. S. Illustrations of Logic of Science. Em N. Houser & C. Kloesel (eds.), *The Essential Peirce - Volume I*. Bloomington: Indiana University Press, 1992, pp. 109 – 199. (Trabalhos originais publicados entre 1877 e 1878)

SANTAELLA, L. *O Método Anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.